

North Festival 2026: Três dias de memórias eternas na Cidade Desportiva da Maia

written by António Proença | 9 de Junho, 2026



A Cidade Desportiva da Maia acolheu, entre 5 e 7 de junho, a **sétima edição do North Festival**. O novo recinto – mais espaçoso, mais acessível e com melhores condições do que as anteriores localizações – recebeu ao longo dos três dias dezenas de milhares de festivaleiros num evento que voltou a afirmar o Norte de Portugal como palco de referência da música ao vivo. A organização esteve a cargo da promotora **Vibes & Beats**, liderada por Jorge Veloso.

Dia 1 – 5 de junho: Entre o culto dos Ornatos e a emoção dos Snow Patrol

O festival abriu as portas ao final da tarde com os primeiros

concertos no **Palco JN “Rock à Moda do Porto”** – um espaço dedicado às bandas emergentes portuguesas, escolhidas por votação pública com mais de 30 mil participantes. A **Menta** abriu as hostilidades, seguida pelos **Davi Days** e pelos **Filhos da Pátria**, que aqueceram o recinto antes da noite grande.

O palco principal foi inaugurado pelo **Luís Trigacheiro**, acompanhado pelos **Átoa**, que trouxe cante alentejano e fado para ambientar a noite.

A grande aguardada do primeiro dia era, para muitos, o regresso dos **Ornatos Violeta**. E a banda liderada por **Manel Cruz** não desiludiu. Acompanhados por um **quarteto de cordas da Orquestra Sinfónica da Casa da Música**, os **Ornatos** percorreram os temas que construíram o seu estatuto de culto, com particular destaque para os clássicos de **O Monstro Precisa de Amigos**. O pico de emoção chegou com **“Ouvi Dizer”**, que transformou o recinto num coro coletivo. **Manel Cruz** – carismático e bem-humorado como sempre – brincou com a dimensão do público comentando que “tocar para uma arena vazia é uma evidência, mas é uma alegria”, antes de encerrar o concerto ligeiramente antes do previsto devido a problemas técnicos.

Para fechar a noite, os irlandeses **Snow Patrol** assumiram o palco principal às 23h30 e lembraram porque continuam a ser uma das bandas mais eficazes na arte de fazer uma arena cantar em uníssono. **Gary Lightbody** assumiu o papel de mestre de cerimónias emocional, conduzindo o público por uma noite de hinos geracionais. A qualidade do som esteve entre os pontos mais elogiados da atuação, e o vocalista não escondeu a sua ligação ao Norte de Portugal, chegando mesmo a confessar que um dia poderia imaginar-se a viver por aqui.

Dia 2 – 6 de junho: Liniker encanta, The Waterboys surpreendem e os Europe dão uma aula

O segundo dia trouxe um ambiente mais composto e uma programação ainda mais variada. O **Palco JN “Rock à Moda do Porto”** recebeu mais três bandas emergentes: os **Vulcões Semi Porreiros** abriram a tarde, seguidos pelos **Pilot** e pelos **Times of Trouble**, que animaram o recinto antes da noite grande no palco principal.

Liniker foi, talvez, a maior surpresa do festival. A artista brasileira protagonizou uma das atuações mais tecnicamente impressionantes desta edição. Desde os primeiros minutos ficou claro que estávamos perante uma intérprete de enorme dimensão: afinação irrepreensível, controlo vocal notável e uma presença de palco magnética. A banda que a acompanha esteve ao mesmo nível – o trio de sopros acrescentou uma riqueza tímbrica raramente vista num festival deste género, e houve até um momento de cumplicidade entre dois músicos a partilhar o mesmo órgão que arrancou aplausos espontâneos. Uma atuação que ficará na memória de quem esteve lá.

The **Waterboys** apresentaram um concerto competente, mas que ficou abaixo das expectativas de uma parte do público. A ausência de “The Whole of the Moon” – um dos maiores clássicos da banda e uma das músicas mais associadas à promoção do próprio festival – causou estranheza e comentários entre os presentes. Não foi um mau concerto, mas ficou incompleto.

A fechar a noite, os suecos **Europe** dissiparam qualquer dúvida sobre a sua relevância em 2026. Desde a abertura com “On Broken Wings”, o grupo estabeleceu o tom de uma atuação poderosa, emotiva e tecnicamente impecável – provavelmente o concerto mais sólido e empolgante do festival até ao momento. Uma verdadeira aula de rock.

Dia 3 – 7 de junho: 40 mil pessoas e os The Cure a fechar com glória

O terceiro e último dia foi o mais aguardado – e o único esgotado. O **Palco JN “Rock à Moda do Porto”** acolheu as últimas três bandas do concurso de talentos: Os **Defera, Ordenado Mínimo e Os Tua** encerraram o palco de emergentes com a energia que caracterizou toda a programação deste espaço ao longo dos três dias.

No palco principal, os **Linda Martini** abriram a noite às 19h20 com a intensidade que os define – um pé no punk, outro no hardcore, e o álbum **Passa-Montanhas (2025)** como prato forte.

Seguiram-se os escoceses **Mogwai** às 20h50, mestres das paisagens sonoras pós-rock, que transformaram o recinto numa experiência imersiva e hipnotizante.

Às 22h45, **Robert Smith** e os **The Cure** subiram ao palco perante uma Cidade Desportiva da Maia completamente lotada – **40 mil pessoas** – no regresso da banda a Portugal sete anos após o último concerto. A energia era outra desde o início da tarde: as filas formaram-se logo à abertura das portas às 16h00, com fãs de camisola preta a correr para garantir lugar na frente. Durante 2h30 de concerto, até à 01h15, os britânicos conduziram o público por uma viagem pela sua discografia de quase cinco décadas, misturando a medula gótica da sua identidade com os grandes hinos que atravessam gerações – de **“A Forest”** a **“Friday I’m in Love”**, passando por **“Just Like Heaven”** e **“Boys Don’t Cry”**. **Robert Smith** resumiu a noite à beira da despedida: **“Esta noite foi uma grande diversão... misturada com terror.”**

A sétima edição do **North Festival**, confirmou a aposta num recinto mais amplo e numa filosofia que distingue o evento da concorrência: concertos completos, sem os habituais limites de horário dos festivais. Uma fórmula que claramente funcionou – e que deixa a fasquia ainda mais alta para 2027.